

CADERNO DE POESIA IV

Irene Severina Rezende¹

REVISITE

Na ex-região faroeste,
crescem cactos de fogo no silêncio
sobra sempre um juiz...

os descaminhos da expressão viram
crescer grãos de soja
nas raízes de terra - cega terra.

Paisagem sem limite
marrom aberto no vértice da mata
Mato Grosso vira notícia
no socorro do rio

enquanto o ouro verde circula
e assiste no bolso do Mocinho,

os grãos secos devoram as nuvens

no passo que Nossa Excelência, rica e alheia
se apronta solene
para a missa do domingo.

ARAGUAIA

**Quem não marcha se arrasta
Bertolt Brecht**

Araguaia! Vejo-te
dormindo pequenina ao luar,
a capa de tuas árvores
a deformar o infinito...

Enquanto tu ficas colada ao chão
dormindo teu sono mansidão,
eu peço aos ventos: silêncio!
que esta terra não, em nada, necessita não!

¹Mestre e doutoranda em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa. FFLCH-USP.

Cervantes, Robespierre, Pessoa
não cruzam tuas esquinas

“Psssiuuu não os acorde!
quanto menos inventada mais caríssima”

Nos cérebros somente
o andar cansado
do homem feito,
feito em repouso

parece que foi inda há pouco,
as nossas amadas cinzas
vigiadas em sombras
no planeta imenso da ultravida

Perdidos nas dobras do tempo,
os lábios do vaga-lume
roçam nossos sonhos
enquanto a onça vagueia perto.

O tropeiro nos ermos do serrado,
longe do alvoroço,
adormece a vida,
rola as almas
nas margens da história,
o galo se repete,
enquanto continuamos sertão!

AZUL DA LUA

Lua azul, depois, só daqui 3 anos?²

tirei meus pés fora do chão
fui prestar esclarecimento:
entre o pé de manga e o de gueroba³
a lua sempre balançou azul, aqui.
-quem ponteia viola sabe disso-

Nunca ponteei viola
mas sei escutar uma cor assim
o obscuro enigma da alma gostaria desconhecer!

² Deu na TV.

³ Guariroba

Aqui a lua acontece mais
porque temos finos ouvidos,
sabemos pisar o chão,
desdobramos as nossas asas
pra delas retirar melodias.

Há um pialhar noviço de cigarras,
a vida palpita viva e se mexe toda,
porque não se olha só concreto,
não se vê andaimes,
nosso limite de olhar vai até acolá

o gado daqui é manso – as pessoas nem tanto

que cada um guarde então,
o que lhe sobrou de infantil

Se me perguntassem: Queres ser estrela? Queres ser rei? Queres uma
ilha no Pacífico? Um bangalô em Copacabana?
Eu responderia: Não quero nada disso, tetrarca,⁴

Quero somente a lua – luuando⁵ sempre azul - do fundo da minha
chácara!

INDOLÊNCIA

**(...) quando não tenho calado,
tenho sido mais ridículo ainda;**

Fernando Pessoa

da minha chácara sigo os passos do mundo,
acordo com a idade dos anciãos
externo à minha vontade
o poder dos angustiados
digo sim
ao exercício habitual da rotina,
ao desconhecimento farto
cada vez mais em circunstância do nada...

familiarizada a páginas curtas,
encosto a vassoura, limpo a testa
e contemplo o infinito
não sofro a angústia das pequenas coisas ridículas⁶

⁴ Manuel Bandeira – *Balada das três mulheres de Araxá*. In *Estrela da Vida Inteira*.

⁵ Termo masculino baseado em Luanda, capital de Angola.

⁶ Fernando Pessoa (Álvaro de Campos). *Poema em linha reta*

Em êxtase do absoluto,
esqueço forçosamente meus pesares
seguidos de pensamentos de mulheres
- não recomendáveis -
que amo sem restrição

Trem de duas estações
se semelha a mim:

é mais a noite que o nunca,
mas
corro frouxa, largada, ridícula e feliz!

VERSIPOEMA⁷

Rola de um livro,
um velho verso meu
Cheira a baunilha!

Se fiquei esquecida,
zombei da malícia,
mas não nasci para o mundo,
comportada de pó-de-arroz e defeitos!

Atraio a lesa atenção
da sombra fugidia desse verso
insisto
o mar, os montes, você
estão no fim do meu universo
Badalo neoliticamente
amaldiçoando-lhe.
Corto-lhe em duas partes – infiel
Tal como o sol à lua,
em disputa de beleza,
atiro areia, terra e cinzas à sua cara
mas são requebros de amor...
Viras-me as costas?
(coração de verso não se mostra ao mundo)
Sem o poema que é a loucura?
Mas na caminhada
ainda cabe luz no peito
vasto peito, gasto de amores
pousa tua mão
e ensina-me a reviver o riso
consola a dor que não existe
gera um pensamento tingido:

⁷ Título baseado em Versiprosa de Carlos Drummond de Andrade.

Por quem soluço? seu amor?
Chama irrisória!
No mundo fez-se o vácuo do verso
e ao reverso, último recurso:
deixo-o em estado de norte
onde, feito a capricho
ele é mimoso e mais paixão
-enfeita, grato, à vista!

ÚLTIMO PEDIDO

Desperdiço a matéria bruta
lustro a palavra:

se eu amanhecer
descuidada nas margens:

teça meus resíduos,
ajuste meus deslizos,
e veja se meu ritmo interior é de vidro
-me sinto muito transparente!

Peço-lhe:
que no umbigo da noite,
não toques música de captar sereia,
porque nesta hora aberta, a vida acontece,
e meu ser se desfaz em muitos pedaços:

posso dilatar-me em rancor,
ou gastar-me em excessos de azedume;
injetar elogios à natureza,
ouvir gemidos em frestas,
numa embriaguez naturalista;
caminhar muitos passos
pra me sentar ao lado do pôr-do-sol;
pôr as mãos em movimento
esculturar uma imagem
de água cheia de flores
pra escapar à sujeira desse poema:

(todo poeta é mentiroso)

UMA VEZ

No espaço do teu caminhar,
a paciência de um andar.
punhados de enganos,

Nem um véu oculta teus seiozinhos trêmulos
passeias nua ao luar...

Sentas-te comigo no banco do terreiro,
estremeço: ausente de conflitos,
como se o mundo... ah! o mundo!
rebenta, em meu sexo, um canto
com pedaços do infinito

....
colho rosas, andaluzias
embelezadas ao rasgar da escuridão,
pra cobrir teus/meus desejos

pra tuas asas desdobradas,
pomba errante, era meu peito um ninho vago⁸
tudo colhestes e
nas mãos um resto...

a vida passa em longa procissão,
-até prelúdio um violão em seresta!

Como teu riso dói!

só um canto e aquele sexo noturno...
eco nenhum nunca mais

SE PROCURA TANTA COISA

São Longuinho, São Longuinho
achador de coisas perdidas
Pode produzir pra mim uma dúvida?
nessa uma época de sabedoria?

(Algo indefinido deve existir
para além de mim)

Olho perdida para o indizível,
É cedo, me começo nas dez horas
careço de não desperdiçar sentimentos

⁸Baseado no verso de Castro Alves.

Até dou os três pulinhos:
-se me desassossegar a fantasia
- adornar meu pendor estético
- estender meus eufemismos

Ah! Esse mundo elegante:
Gosto mais é do moço esbelto

BEM-TE-VI

Cantai, ó bem-te-vi,
enquanto me entrego ao vai-vém da rede,
mas cantai baixinho!

Vem,
desdobre as asas sobre mim,
pousa teu bico nos meus seios úmidos
enquanto a mão da noite nos esconde.

Recorta-te indeciso na penumbra
mas o frio do gozo és tu, eu sei

Inocente nem sabe que
no quarto ao lado
um câncer vai ausentando minha mãe;
lá longe, as luzes não se apagam,
porque a burguesia insiste;
meu sangue nas velas dos políticos
- gospem lodo sobre nós-
pobres comediantes do incerto!

mas vem,
quero emprestada tua cor
pra enxergar a luz das constelações
a vida ainda palpita em mim!
E a natureza sempre me fez
Reconciliar-me com os homens⁹

MORENA

Sua beleza redonda minha noite
nos seus olhos há silêncios consentindo:
seremos amantes!

⁹ José Rodrigues Miguéis.

O sol caindo atrás do dia
acende a fogueira da (') vontade

Estrela D'alva vira um arco
a enfeitar o batedor do rio

O vento se embala na trepadeira
cúmplice a esperar minha noite...

Cabocla você me acende o verso
entreabre as minhas estrofes...

Lustro o dorso nu da cabocla
-faculdade de fantasiar-

Sinto-me nascido a cada segundo
para a eterna novidade do seu mundo!

Espalmo o amor dos instantes
que me abriram a fantasia:

"meu reino pelos seios seus donzela"!

Ordinária!
passa e nem se dá conta

MOÇA TRABALHADEIRA

Vai ladeirando
recolhendo desmantelos
Trabalha pra um tempo,
um pai, irmãos

Não escolhe fatos
de provas colhidas
Seres sociais – tarefa- inseparáveis!

Mas contagiada pelo moço bonito
desce a ladeira
sobe no salto e a saia.
Vira objeto público
cai na gandaia
Livre, sonhadora e feliz
música, cerveja, dança –
-só até o amanhecer
que a ladeira ta lá
teatro pintura, cinema – longe, asdianta, muito longe

devolvida- a Deus, a vida revivesce...

pra que serve sua ausência?
pra virar Reggae?

MODERNA

Você leva no busto – o colo quase nu
uma esmeralda enorme junto do silicone
morro num verso livre...

Não se chama mais Rosa,
Cândida, Teodora, nem Estela Marys

Ploft, ploft, ploft
seu salto Luis XV
cada vez mais na linha

nomes compuseram-se:
Verônica, a indomável,
Alessandra, a insaciável

Formas de vida – geladas
a maneira luminosa – longe de tis

Insensíveis desfilam aos pares,
dos pares, milhares

árvores dão sombras,
pessoas dão assombros¹⁰

NOVOS AMORES

Se à noite vislumbro sombra
cuido pelas frestas no entre árvores.

Pavor tenho de gente
ser cheio de gosto e des-graça
num planger de sino
é tudo fumaça!

gente abre ferida em gente
- a bala, a faca, e a mágoas –

num repente: faiscantes maldades

¹⁰ Mia Couto

viras moléstias

amor – zombaria – inquieto gozo
mãos hesitantes mudam de modos

apredejar a mão vil?
Escarrar na boca que beija?¹¹

Besteira,
Enlaçar outras bocas,
Se perder em novos corpos,
ser mutável!

MEU MENINO

assim parado em retrato
minha poesia roça-lhe a alma

seja feita nossa vontade
lhe repouso todo o desejo;

retiras do meu olhar
as últimas vontades que tenho do mundo
hei de encher-lhe os caprichos.

deixo escapar um instante
de ver-te belo na desordem de meu destino
sonho que és carícias!

Com esquecimento e maciez
absorvo tua aparência.

Dentro de mim a paixão desmaia:
é criatura que desejo inventar.

uma única vez deixa o olhar mais devagar
posso possuí-lo em penumbra
colher do menino
a imprudência, a primeira vez;

O tempo escorra sua alma
mas não lhe altere o ventre!

Quero estalar minhas mãos em sua vontade
e fazê-lo vibrar em serenata,
penetrar suas raízes fibra a fibra

¹¹ Augusto dos Anjos. *Versos Íntimos*. In *Eu e outros poemas*.

Enquanto entras-me como sons ardentes
a melodiar-me...

que posso amanhã, dar a alma à casca...
antes ouço seu gozo que sobe alto
no meu apetite e em seu desquerer

depois... deixo que a dor
caia nas minhas lembranças
enquanto guardo, no sempre, seu desafeto
que lavando-se se acabou

SURPREENDIDO

No repique da minha viola
teus seios ainda vibram

abro os braços
deixo que rasgues os céus
a escolher tuas veredas

sonhos ondulam em minha coragem
desmancho todos os meus instintos
fito além do meu desejo
não domino teus limites
deixo na manhã, alma estreita
que cruces a certeza de sorte

fui terra, e rio frio
sem este vento do querer

Destaco em ti um olhar em sentimento
Que te cercam?
A lembrar de mim?
Ou de reis antigos,
donos do reino que agora a pouco ocupei?
Ergo de ti os olhos
como espada abrindo halos:

teu olhar está pousado noutros cantos.

À VIRGEM ARAGUAIENSE

O céu abriu-se em abismo
Para receber a alma da araguiense
que ficou por casar

Ilha idescoberta,
Dona Zilma
Guardou no corpo a forma intacta!
Coitada!
Será que em sonho dona Zilma
Lançava de si desejos de homem embrenhando-se-lhe?
E então expedia raios de prazer?
Não pôde respaldar-se em cama conjunta, nunca?
Sua luz feminina só projetou o escuro?

mais ela se guardava
Mais expandia minha curiosidade:
Senhora,
onde esconde
suas tormentas, seus desejos, a vontade?
A chama não lhe penetra em nível pelo corpo?
Nunca quis essa indecisão que remoça?

Deus deu à fêmea para que se
se sinta em intervalos,
ecos de lançar sombra

tuas mãos nunca gelaram seios

Seu silêncio hostil me afastava

Não se tornou arma:
memória em nós do que nos
fura de lado a lado
na antemanhã¹² do gozo?

¹² Termo usado por Fernando Pessoa no poema: Segundo / Viriato